

Os impactos gerados pela instalação de assentamentos rurais na Campanha Gaúcha, Rio Grande do Sul, Brasil

Rosa Maria Vieira Medeiros

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

e-mail: rvmmedeiros@yahoo.com.br

Michele Lindner

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

e-mail: michelindner@gmail.com

Resumo

O agricultor familiar assentado vem se reterritorializando no Rio Grande do Sul mais precisamente na Campanha Gaúcha com a implantação de novas formas produtivas-econômicas e sociais que transformaram a paisagem e constituíram o território dos assentamentos. Os assentados buscaram sua inserção no processo produtivo com novas formas de produção, de organização, de relação com o ambiente, de recuperação de seus saberes e de retomada de sua autonomia com base na sua cultura e sua organização político-econômico-social. São significados, estratégias e ações que marcaram a paisagem dos assentamentos. O território gaúcho se reconfigurou, a paisagem da Campanha se transformou com a crescente concentração de assentamentos em seus municípios. Esta é a região de domínio do latifúndio que perdeu espaço para a agricultura familiar, para a agroecologia. São agricultores familiares assentados e engajados na produção de alimentos saudáveis e na proteção do ambiente natural dos assentamentos de Reforma Agrária do Sudoeste Rio-Grandense.

Palavras-chave: Território; assentamento; paisagem; agroecologia.

The impacts of the installation of rural settlements in the Gaúcha Campaign, Rio Grande do Sul, Brazil

Abstract

The family farmer seated territorialized in the Rio Grande do Sul more precisely in the Gaúcha Campaign planted new productive-economic and social forms that transformed the landscape and constituted the territory of the settlements. The seated have sought to be integrated in to the productive process by new forms of production, organization, relationship with the environment, there covery of their knowledge and their autonomy on the basis of their culture and economic-social-political organization. These are meanings, strategies and actions that have marked the lands cape of settlements. The Gaúcho territory has reconfigured, the landscape of the Campaign has changed with the increasing concentration of settlements in the municipalities. It is the region of domination of the latifundium that has lost place for family farming, for Agroecology. They are seated family farmers engaged in the production of agroecological food and in the protection of the environment of the settlements of Agrarian Reform of south-west Rio-Grandense.

Keywords: Territory; settlement; landscape; agroecology.

Les impacts générés par l'installation des assentamentos ruraux dans le Campagne Gaúcha, Rio Grande do Sul, Brésil

Resumen

L'agriculteur familial assentado territorialisé dans le Rio Grande do Sul plus précisément dans la Campagne Gaúcha a implanté de nouvelles formes productives-économiques et sociales qui ont transformé le paysage et ont constitué le territoire des assentamentos. Les assentados ont cherché à s'insérer dans le processus productif par de nouvelles formes de production, d'organisation, de relation avec l'environnement, de récupération de leurs savoirs et de reprise de leur autonomie sur la base de leur culture et de leur organisation politique économique et sociale. Ce sont des significations, des stratégies et des actions qui ont marqué le paysage des assentamentos. Le territoire gaúcho s'est reconfiguré, le paysage de la Campagne est transformé avec la concentration croissante des assentamentos dans ses municipalités. C'est la région de domination du latifundium qui a perdu de la place pour l'agriculture familiale, pour l'agroécologie. Ce sont des agriculteurs familiaux assentados engagés dans la production d'aliments agroécologiques et dans la protection de l'environnement des assentamentos de Réforme Agraire du sud-ouest Rio-Grandense.

MotsClés: Territoires; assentamento; paysage; agroécologie.

Introdução

Este artigo tem como objetivo apontar as mudanças ocorridas na paisagem da Campanha Gaúcha com suas novas formas produtivas, econômicas, sociais e sua relação na constituição de novos territórios. Para tanto é fundamental ter presente os conceitos de paisagem e território. O território, de acordo com Bonnemaïson, (2000) é o espaço de identidade, de identificação e, considerando Saquet (2007), é o espaço apropriado política e culturalmente, para a formação de uma identidade regional e cultural/política. Estes territórios são, portanto, a materialização dessa identidade construída.

A paisagem é a expressão da imaterialidade, ou seja, mostra as marcas do que foi socialmente construído pelas comunidades, visualizadas nas práticas, na história, nas representações, nos conhecimentos e nos saberes. São novas formas de organização do espaço imbricadas de sentimento identitário envolvidas pelas novas relações estabelecidas com a natureza. O território é pois, a parcela do espaço que enraíza e que reúne aqueles que, ao dividirem o mesmo sentimento, constroem uma mesma identidade. Para Gui De Méo (1998) é o espaço vivido impregnado de valores culturais que refletem, para cada um, o pertencimento a um determinado grupo onde o conhecimento passa pela escuta dos atores, pela percepção de suas práticas, de suas "representações" e de seus espaços imaginários. Os territórios da Campanha Gaúcha trazem consigo esses elementos materiais e imateriais presentes na sua paisagem.

Estas mudanças na paisagem da Campanha Gaúcha, ligadas à nova relação do agricultor camponês com a natureza, foram identificadas através da análise de fotografias

feitas na década de 1960 pelo geógrafo francês Raymond Pebayle (1932-2010) e comparadas com fotografias da mesma região, mas realizadas no período de 2010 a 2015, durante as pesquisas de campo dos pesquisadores do Núcleo de Estudos Agrários (NEAG) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A paisagem foi então observada a partir da imagem tradicional da Campanha Gaúcha, ou seja, com suas coxilhas cobertas por campos onde historicamente se instalaram as grandes propriedades e atividade pecuarista. Os agricultores assentados encontraram essa mesma paisagem, mas sua tradição camponesa, voltada para a produção de alimentos, alterou essa imagem tradicional com a introdução de novas alternativas de produção. Os assentamentos, criados nos anos de 1990, foram então analisados a partir dos conceitos de paisagem, natureza e território. Destacam-se as limitações encontradas (materiais, imateriais), suas experiências positivas no assentamento e suas potencialidades relacionadas às novas práticas agrícolas. Também o lugar e a identidade possibilitam compreender o caminho construído para que essas novas alternativas de produção se tornassem efetivamente uma prática, uma filosofia de vida para os assentados.

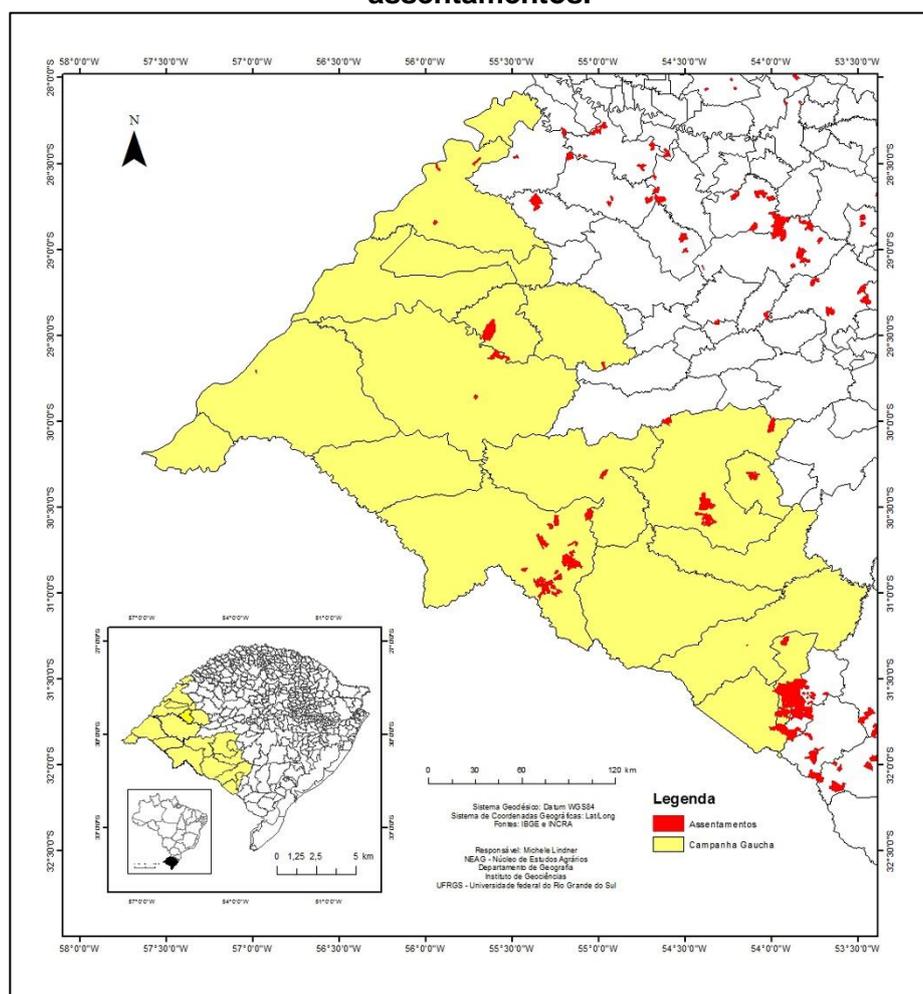
O território é revelador destas transformações na paisagem cujas marcas são visíveis e possibilitam identificar seus sujeitos, agentes deste processo.

Novos territórios na Campanha Gaúcha

Os agricultores familiares assentados na Campanha Gaúcha estão em processo de reterritorialização. Este se dá através da reconstrução de sua identidade e para tanto buscam a implantação de diferentes formas produtivas-econômicas-sociais advindas de seus saberes, de sua cultura, ligadas aos seus lugares de origem. Estas alternativas encontradas pelos agricultores no sentido de estabelecer novos vínculos com a terra provocam transformações não só na organização de seu território como na nova paisagem onde se encontram imersos.

Na busca dessa nova organização na Campanha Gaúcha (Figura 1), objeto dessa pesquisa, tem ocorrido sérios embates entre as duas forças presentes no território. De um lado, estão presentes os latifundiários, pecuaristas, agricultores empresariais ligados ao agronegócio; do outro lado, se encontram os assentados cuja atividade principal é a agricultura familiar viabilizada através de novas formas de produzir. O poder da terra está institucionalizado nesta Região e este se expressa através dos discursos, da política local, dos costumes distintos, dos símbolos de cada um, mas principalmente através da propriedade de extensas áreas com suas formas produtivas historicamente institucionalizadas nesta porção territorial.

Figura 1: Municípios que compõem a Campanha Gaúcha/ RS e localização dos assentamentos.



Fonte: INCRA (2014).

Esta realidade fica evidenciada quando Haesbaert (1997, p. 41) afirma que:

[...]o território deve ser visto na perspectiva de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou da classe social a que nos estivermos nos referindo, afetiva.

Este grupo social representado pelos assentados, sem dúvida incorporou uma nova dimensão simbólica à microrregião que vai se expressar na valorização identitária, na valorização existencial do território por eles constituído.

Na análise do território considera-se também que as formas de produção estruturam e são estruturadas pelo território onde se fixam, fazendo assim com que a dinâmica econômica, social e política gravite em torno das formas ou atividades exercidas (MEDEIROS; SOSA, 2009). Este viés de análise também possibilita compreender os conflitos e as estratégias territoriais dos diferentes atores, uma vez que as formas de produção produzem uma “expressão territorial do interesse econômico” (HEIDRICH, 2000), de modo que uma

fração do território voltada a uma determinada forma de produção se opõe a formas distintas ou a inovações que resultem em formas que não lhe são interdependentes.

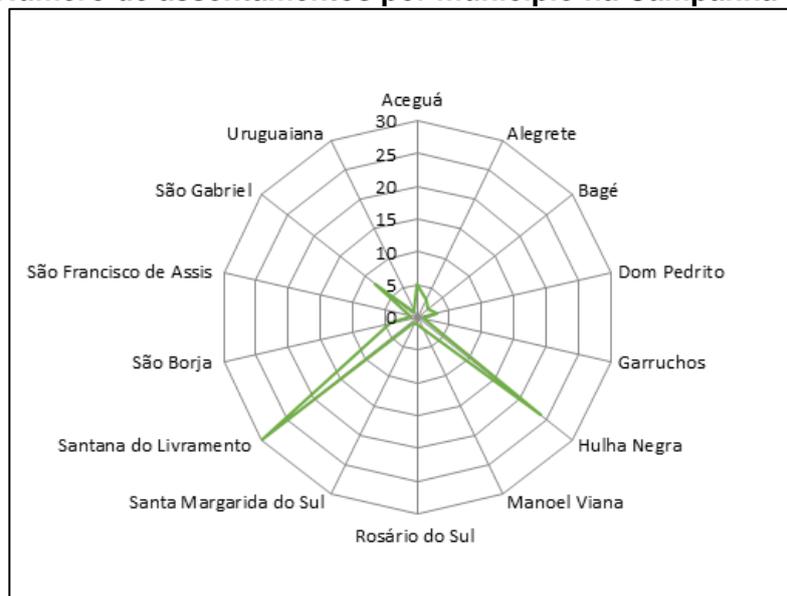
O território se constitui num espaço cultural de identificação, de pertencimento e a sua efetiva apropriação só se dará quando efetivamente for controlado. “O território é, assim como um espaço político, um jogo político, um lugar de poder. Definir seus limites, recortá-lo, é sinônimo de dominação, de controle. O domínio entre pessoas e nações passa pelo exercício do controle do solo” (MEDEIROS, 2009, p. 217).

Além disso, o território possui uma fronteira definida por ser ele um lugar identificado, marcado como espaço de sobrevivência. “É este, o espaço defendido, negociado, cobiçado, perdido, sonhado cuja força afetiva e simbólica é forte” (MEDEIROS, 2009, p. 218).

É neste território que os assentados reconstruíram suas identidades, suas territorialidades. É este o seu lugar, a terra onde trabalham e se reproduzem socialmente, politicamente e economicamente. É onde eles se reconhecem enquanto sujeitos.

Estes camponeses assentados da Campanha do Rio Grande do Sul buscam a sua inserção no processo produtivo, do qual foram excluídos, através de novas formas de produzir, de se organizar, de se relacionar com o ambiente, de recuperar seus saberes e de retomar sua autonomia político-econômico-social. O processo de (re)territorialização pelo qual passam é marcado por dificuldades econômicas e emocionais. É uma etapa penosa na sua vida considerando que já foram expropriados de seus bens materiais e de sua identidade e que ainda tem que conviver com os conflitos gerados pelo poder local. Mas a realidade nos mostra que o enfrentamento teve saldo positivo nesta região onde atualmente numa área total de 83.462,3465 ha estão instaladas 3.194 famílias, em 86 assentamentos, distribuídos nos 14 municípios da Campanha Gaúcha, conforme Gráfico1 (INCRA,2017).

Gráfico 1: Número de assentamentos por município na Campanha Gaúcha, RS.



Fonte: INCRA, 2017.

Portanto, neste território, os assentamentos coexistem com os históricos latifúndios e se constituem como agentes das mudanças que ocorreram na paisagem, principalmente a partir dos anos de 1990 quando começou a política de assentamentos na Campanha Gaúcha. Foram dificuldades econômicas, estruturais, locacionais e políticas que se transformaram em motivo de lutas e de reivindicações. A participação dos assentamentos na economia da região foi reconhecida a partir da produção, sobretudo de alimentos, da instalação de novas estruturas básicas tanto na área rural quanto urbana e do espírito cooperativista que os caracteriza.

Os assentamentos surgiram, então, no lugar de primazia territorial e política do latifúndio pecuarista gaúcho. É uma nova forma de produção que coloca em xeque o poder desses latifundiários, organizados para deter a territorialização dos camponeses assentados no território de seu poder.

A implantação e o desenvolvimento de assentamentos na Campanha Gaúcha não sucumbiram aos esforços dos latifundiários locais para que fracassassem. Estas dificuldades só contribuíram para o fortalecimento de seus objetivos e de suas reivindicações frente à sociedade dominante além de derrubarem o mito da fragilidade da produção familiar. Gradativamente se desligam da forma tradicional de produzir (uso de agroquímicos), que, em muitos casos, foi o fator que os desterritorializou. Sua organização política e econômica traz à região novas formas de produção baseada na agroecologia e na preservação do meio ambiente. São novos territórios virtualmente mais abertos e multiculturais que proporcionam maior liberdade de opções, de manifestações, de pluridentidades. A paisagem será o cenário revelador dessas novas relações sociais marcada pelo sentimento de pertencimento dos assentados ao novo espaço.

É a criação de novas identidades, novos conhecimentos, novos saberes. Este espaço, até então desconhecido, exige um grande esforço desses agricultores para a construção de uma nova territorialidade. São erros, acertos, abandonos, desistências, mas, sobretudo resistência, coragem e continuidade na luta para reconstruir sua história neste novo espaço no qual a paisagem se torna o palco de todas as transformações.

Paisagem da Campanha Gaúcha

O território e a paisagem possuem uma relação que é intermeada pelo olhar. Esta interação se estabelece através da observação dos elementos materiais e imateriais pertencentes a esta paisagem. Os elementos materiais são aqueles que compõem o quadro natural e humano enquanto que os elementos imateriais são percebidos por sentimentos tais como emoção, sensibilidade, beleza, estética, entre outros. São, pois, estas percepções

diversas que vão possibilitar uma pluralidade de definições sobre a mesma paisagem que poderão estar combinadas ou não. Estas percepções também poderão estar relacionadas às referências culturais do observador, à sua formação profissional, seus saberes ou ainda ao seu prévio conhecimento daquele lugar.

Significa então que a análise da paisagem traz consigo elementos subjetivos diretamente relacionados àquele que efetua a referida análise. Diante disso, é possível afirmar que a paisagem possui uma temporalidade, pois embora seja observado o mesmo lugar, a dinâmica dessa paisagem adiciona novos elementos, sobretudo em razão da diversidade da implantação de diferentes práticas agrícolas. Essa diversidade de paisagens reflete uma extraordinária riqueza cultural, ecológica e econômica, demonstra que a mesma não é estática e que sua mudança é constante. A paisagem está então impregnada pela sua história, pela sua geografia. Mas essa paisagem é também um ponto de partida e vai expressar os entrelaçamentos ocorridos entre a sociedade e o território. Como consequência terá uma atribuição de valores que podem ser valores de mercado, patrimoniais ou identitários. Os valores de mercado são aqueles relacionados, sobretudo ao turismo que ao explorar a beleza cênica de determinada paisagem provoca uma valorização da mesma. Por outro lado, os valores patrimoniais da paisagem estão relacionados ao valor social que lhe é atribuído em razão do interesse coletivo, do interesse público. Já o valor identitário tem um significado mais profundo uma vez que é a expressão exatamente do lugar, daquele grupo social que se identifica e que se reconhece naquela paisagem. Há aqui um valor atribuído às raízes culturais, às origens do grupo social que certamente se associa a uma perspectiva para o futuro. A presença desses valores identitários é que possibilitam afirmar que a paisagem tem sua base assentada na memória coletiva e que sua leitura é uma leitura de um passado que deixou ali suas marcas impressas. Esse passado é a memória que fica, que é evocada, que se expressa e que se sustenta na paisagem, no lugar, nos objetos, na capacidade de evocação que encontra ali a base para sua permanência, ou seja, para a construção das identidades (CLAVAL, 1999).

Para Berque (1998), a paisagem, não reside nem somente no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa destes dois termos. Ela não se reduz apenas aos dados visuais do mundo que nos envolve, ela sim, se refere a objetos concretos existentes no nosso entorno que representam o que pode ser nosso imaginário. Efetivamente, todas as paisagens possuem significados simbólicos ao considerarmos que são elas produto da apropriação e transformação da natureza pelo homem. Mas há que se lembrar de que sua existência decorre fundamentalmente da sua relação com um sujeito coletivo, uma vez que é a sociedade que a produziu, que a reproduz e que a transforma em função de certa lógica. A definição dessa lógica, sua compreensão, seu sentido é exatamente o olhar cultural que verte sobre a paisagem.

Com outro olhar sobre o mesmo tema, Santos (1996) se refere à paisagem como uma sobreposição, ou seja, uma paisagem é escrita sobre a outra, constituindo um conjunto de objetos com idades diferentes que representam a herança de muitos momentos já passados. Para o autor a paisagem é a soma de pedaços de tempos históricos representando diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço.

Nesta mesma linha, Silva (1991) entende que a paisagem é o lugar social percebido e compreendido, enquanto expressão de ações, relações e objetos sociais.

Portanto, as intervenções humanas na natureza transformam a paisagem em cultura e com isso é possível afirmar que todas as paisagens possuem significados simbólicos enquanto produto da apropriação e transformação da natureza pelo homem. É a dimensão sensível, estética e afetiva da relação que o indivíduo socializado construiu e constrói com o território. Concordando com Berque (1998), o estudo da paisagem é mais do que uma psicologia do olhar, pois embora represente ou evoque o imaginário ela possui um suporte que será sempre objetivo.

A Campanha Gaúcha também tem sua paisagem representada e interpretada a partir de diferentes olhares. Saint-Hilaire (1974, p.91-139), assim a descreveu:

Até agora tenho atravessado sempre planícies uniformes sem o mais leve acidente e unicamente animadas pela presença do gado aí apascentando. [...] Distinguem-se estâncias e chácaras. Uma estância é uma propriedade onde pode existir alguma cultura, porém ocupando-se principalmente da criação de gado. A chácara tem área menor e só se destina à agricultura.

Já o olhar de Haesbaert (2004, p. 16) sobre a paisagem da Campanha traz novos elementos, novos conceitos assim expressos:

Do alto podia-se ver o imenso chapadão da serra Geral e a Campanha – o Pampa - a perder-se de vista no horizonte. Ali eu descobria outra fronteira para nosso território, campos e planuras sem fim, uma abertura que me fascinava, longe dos constrangimentos da Serra. [...] Na Campanha, tudo parecia se revelar ao mesmo tempo, nada se escondia, nada parecia restar por apreende.

Enquanto Haesbaert (2004) expressa seus sentimentos na leitura da paisagem da Campanha gaúcha, Saint-Hilaire (1974) descreve o que vê, assim como Chomenko (2006). A autora, define como um conjunto vegetacional campestre com certa uniformidade, relevo de planícies com predominância de cobertura vegetal em estepe e savana estépica e que se caracteriza também pela ocorrência de banhados.

Por sua vez Neto e Bezzi (2009) destacam que as características culturais da Campanha Gaúcha, na prática, materializaram inúmeros códigos culturais que foram transmitidos no tempo e mantidos através da descendência.

Chellotti e Pêsoa (2006, p. 2), por sua vez colocam que:

[...] no século XXI, o espaço agrário da Campanha Gaúcha não se apresenta tão homogêneo como indicaria o discurso da identidade regional do século passado. Embora continue sendo o cerne do espaço latifundiário gaúcho, do tradicional camponês fronteiriço, do arrendamento capitalista da terra, é também palco de novas experiências oportunizadas a partir da reterritorialização de milhares de Sem Terra em dezenas de assentamentos rurais.

Diante desta transformação fica evidente a presença daquele que originalmente vivia na Campanha Gaúcha, enraizado em suas origens assim como a presença do agricultor sem-terra que foi instalado nos lotes de assentamentos de reforma agrária vindo principalmente do norte do estado, arraigado a sua cultura de camponês envolta em outra racionalidade. Esses assentamentos são, portanto, constituídos por diferentes culturas decorrentes de existências diferenciadas, embasadas em valores, princípios e saberes distintos.

Pode-se afirmar, então, que dois espaços culturais distintos foram aproximados através da luta pela terra. Assim, ao mesmo tempo em que os assentados transformam a realidade regional, eles também são transformados. De certa maneira, é o que Pebayle (1975) já dizia em meados da década de 1970, sobre o difícil encontro de duas sociedades rurais no Rio Grande do Sul.

Até o início do século XX, os contatos entre os criadores luso-brasileiros dos campos e os policultores das florestas foram raros. Ou melhor, nada parecia anunciar então novos encontros entre essas duas sociedades rurais tão opostas por suas origens étnicas, por suas tradições culturais e suas mentalidades. Esses homens [os estancieiros] rudes e fatigados das violentas técnicas de pecuária de uma outra época, afeitos a deslocamentos e já curiosos a respeito das novidades técnicas de seus vizinhos do Prata, rejeitam maciçamente o arado, a inovação agrícola e as terras de floresta [...] O colono era a antítese desses gaúchos das Campinas: era o homem da floresta, o agricultor isolado com técnicas ainda predatórias, o pequeno proprietário (PEBAYLE, 1975, p. 3).

Lindner e Medeiros (2013), afirmam ser possível perceber a transformação que vem ocorrendo há quase duas décadas na configuração socioespacial da Campanha Gaúcha, provocada tanto pelo parcelamento do latifúndio pastoril em unidades de produção familiar como pelo encontro de culturas e de saberes que pouco a pouco foram transformando a paisagem.

Chelloti (2003) também destaca esta transformação na paisagem identificada nas novas formas de ocupação e produção da área, pois onde somente existiam grandes propriedades e criação extensiva de gado, surgiram os lotes dos assentados marcados pela presença de suas moradias e pela produção de alimentos. Segundo o autor foi a instalação dos assentamentos rurais que fortaleceu a produção familiar no âmbito regional e por consequência transformou a paisagem.

Portanto, a paisagem dos assentamentos mudou gradativamente a tradicional

paisagem da Campanha Gaúcha em razão das novas práticas agrícolas adotadas e mesmo pela manutenção da agricultura tradicional e convencional, ainda presente nos assentamentos. Esta tradição não constitui nenhum impedimento para o desenvolvimento de práticas agroecológicas, expressão de uma nova relação do agricultor camponês com a natureza, cujo território se constitui em um espaço cultural de identificação, de pertencimento. A sua efetiva apropriação se fortalece com as novas formas de produzir, de organizar, de se relacionar com a natureza, de recuperar seus saberes e de retomar sua autonomia através da produção, da cultura e da organização político-econômico-social marcadas na nova paisagem da Campanha.

De acordo com Claval (1999), a cultura é dinâmica e as populações modificam o meio de acordo com suas necessidades, provocando um enraizamento de seus valores que legitimam suas escolhas e por consequência a paisagem se transforma de acordo com suas preferências, suas aspirações. Destas escolhas dos assentados decorreram ações transformadoras da paisagem que são reflexo da construção de sua identidade no novo território constituído – o território dos assentamentos da Campanha Gaúcha.

Para Gamache, Domon e Jean (2004, p.95):

Talvez se deva levar a uma outra reflexão considerando as potencialidades do território, notadamente aquelas relativos à esfera social da paisagem, muito mais do que insistir unicamente com o determinismo físico e ecológico. Uma nova via será a de considerar as relações do homem com seu ambiente passando pelo equilíbrio das relações no interior das comunidades e investindo nos valores identitários e culturais do meio. A paisagem é profundamente social.

São, pois as potencialidades encontradas no novo território pelos assentados que justificaram suas escolhas associadas aos seus saberes, à sua cultura. Efetivamente foi estabelecida uma nova relação com um ambiente muito diferente da realidade em que viviam, um ambiente estranho no que se refere a suas características físicas. Mas esses assentados se reterritorializaram e esse processo foi acompanhado gradativamente pelas mudanças na paisagem, expressão da relação que estabeleceram com o ambiente. Seus valores identitários e culturais constituíram a base para esta transformação.

Claval (1999) ao afirmar que a memória se sustenta na paisagem, no lugar e nos objetos nos remete em busca das marcas registradas na paisagem e identificadas nas fotografias antigas e recentes, nas falas dos agricultores assentados, no andar pelo território dos assentamentos, na observação.

Paisagem em Tempos Históricos

O instrumento utilizado para identificar as mudanças ocorridas na paisagem da

Campanha Gaúcha foi a fotografia. Buscou-se esse registro da região feito na década de 60 do século XX, pelo geógrafo Raymond Pebayle para que o mesmo se tornasse a base para a compreensão dos tempos históricos da paisagem.

Para tanto buscou-se apoio na afirmação de Coelho (2009, p. 20):

As fotografias nos transportam para outros tempos e nos levam a reconstruir narrativas sobre as formas de interação que uma sociedade constrói na relação com a natureza e na transformação do espaço onde vive. Ao acessar alguns dos múltiplos significados contidos em uma paisagem, abre-se uma porta que permite compreender os diversos processos sociais e culturais impressos como traços e vestígios a serem decifrados.

A porta se abriu através das fotografias de Raymond Pebayle que comparadas as fotografias recentes possibilitaram compreender as transformações na paisagem da Microrregião da Campanha Ocidental.

A paisagem da região, com sua memória viva, se evidencia nas figuras 2 e 3, transcorridos 60 anos. É a imagem dos campos destinados à pecuária extensiva que permanecem tendo como limite o horizonte. Junto com eles permanecem símbolos e tradições como nas figuras 3 e 4, que mostram o gaúcho e seu cavalo, símbolo do enraizamento dos valores culturais.

Figura 2: Campanha Gaúcha, campos e coxilhas, 1960.



Fonte: Pebayle (1974).

Figura 3: Campanha Gaúcha, campos e coxilhas, 2015.



Fonte: NEAG/UFRGS (2015).

A paisagem da Campanha Gaúcha com sua memória viva se evidencia nas figuras 2 e 3, embora tenham transcorrido 60 anos. São os campos destinados à pecuária extensiva que permanecem tendo como limite o horizonte. Junto com eles permanecem símbolos e tradições como na figura 4 que data de 1960 e na figura 5 de 2014, que mostram a presença do gaúcho com seus trajes típicos e seu cavalo, símbolos do enraizamento dos valores culturais da Campanha.

Figura 4: O gaúcho e o cavalo, símbolos da Campanha, 1960.



Fonte: Pebayle (1974).

Figura 5: O gaúcho e o cavalo, símbolos da Campanha, 2014.



Fonte: NEAG/UFRGS (2014).

Nesta comparação das imagens fotográficas é possível mostrar novos usos do território, mudanças ocorridas, preservação de símbolos e de tradições, implantação de novas tecnologias, novas habitações construídas. É a paisagem se transformando, são novos usos para espaços antigos refletindo a dinâmica desta paisagem que é sem dúvida uma paisagem social. Os novos usos dão novos valores ao território, inclusive relacionados ao turismo, acompanhando os valores identitários que permanecem enraizados (figuras 6 e 7).

Figura 6: Pecuária ovina, 1960.



Fonte: Pebayle (1974).

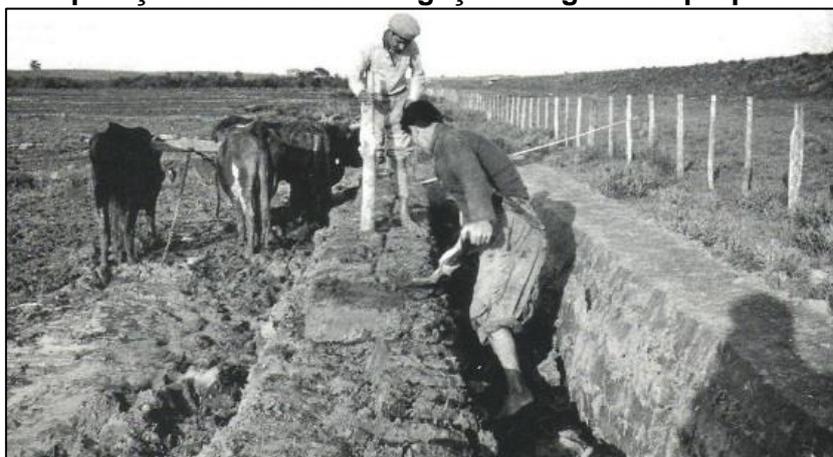
Figura 7: Implantação da vitivinicultura, 2011.



Fonte: NEAG/UFRGS (2011).

A modernização também é uma aspiração do agricultor assentado. Sua produção já não é feita de forma manual (Figura 8), implementos e maquinários são utilizados como forma de otimizar seu tempo na lavoura, de melhorar sua produção e de lhe proporcionar melhores rendimentos (figuras 8 e 9).

Figura 8: Preparação de canais de irrigação em grandes propriedades, 1960



Fonte: Pebayle (1974).

Figura 9: Colheitadeira de arroz no assentamento, 2014.



Fonte: NEAG/UFRGS (2014).

As famílias se reterritorializaram e foram acrescentando novos elementos à paisagem. Elementos modernos que simbolizam seu enraizamento no novo território e sua condição de vida diferente daquela em que viviam as famílias de agricultores agregadas nas grandes fazendas de criação de gado bovino da Campanha Gaúcha (Figuras 10 e 11).

Figura 10: Moradia das famílias agregadas nas grandes fazendas, 1960.



Fonte: Pebayle (1974).

Figura 11: Moradia dos agricultores assentados, 2013.



Fonte: NEAG/UFRGS (2013).

As novas tecnologias relativas à agricultura já são marcas na paisagem que anteriormente era constituída apenas pelo campo e pelo gado. Atualmente já são visíveis os galpões onde são guardados os maquinários utilizados na lavoura dos assentamentos bem como os silos para armazenagem do arroz colhido (figura 13). No entanto, é possível observar que as novas tecnologias se encontram lado a lado da tradição campeira do gaúcho da campanha (figura 12) mostrando que embora sejam incorporados esses novos elementos permanecem as tradições enquanto símbolos da cultura local. São as marcas do passado expressas na tradição.

Figura 12: Tradição gaúcha expressa no vestuário e no cavalo encilhado, 2013.



Fonte: NEAG/UFRGS (2013).

Figura 13: Novos elementos presentes na paisagem dos assentamentos, 2013.

Fonte: NEAG/UFRGS (2013).

A paisagem dos assentamentos se transformou passo a passo com a incorporação de novas práticas agrícolas, de novas tecnologias e de novas alternativas de produção que produzem alimentos saudáveis sem impactar a natureza. A produção de arroz ecológico foi a alternativa encontrada por alguns assentamentos que passaram a produzir de forma sustentável (figura 15). Esses agricultores assentados são, portanto, os sujeitos territoriais inseridos nesta paisagem social em busca de um desenvolvimento sustentável.

Figura 14: Lavoura de arroz na grande propriedade, 1960.

Fonte: Pebayle (1974).

Figura 15: Lavoura de arroz ecológico nos assentamentos, 2014.



Fonte: NEAG/UFRGS (2014).

É a tradição camponesa dessas famílias assentadas que continuam com sua prática de produzir alimentos alterando a imagem da paisagem tradicional da Campanha. São as práticas agroecológicas que expressam uma nova relação do agricultor camponês com a natureza, com o território que é seu espaço cultural de identificação e de pertencimento (figuras 16 e 17).

Figura 16: Horta ecológica nos assentamentos da Campanha Gaúcha, 2015.



Fonte: NEAG/UFRGS (2015).

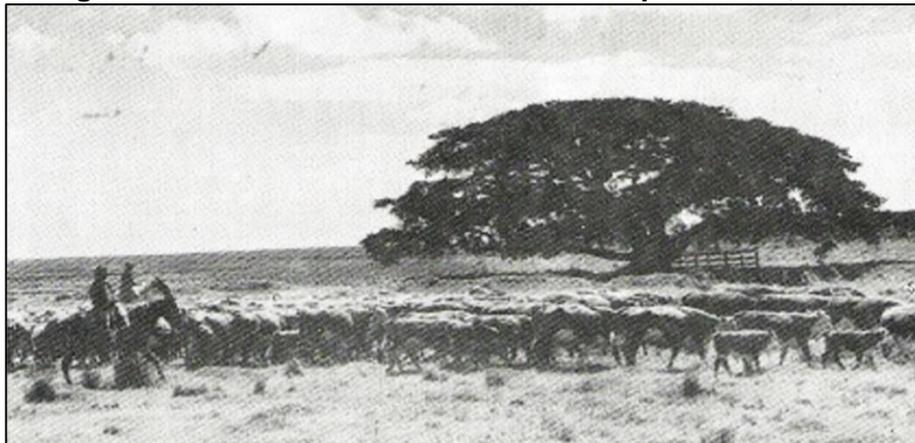
Figura 17: Arroz ecológico nos assentamentos da Campanha Gaúcha, 2015.



Fonte: NEAG/UFRGS (2015).

No entanto, mesmo dentro dos assentamentos as marcas da cultura, da tradição gaúcha permanecem circunscritas na paisagem e são elementos que representam a presença histórica do latifúndio pecuarista (figuras 18 e 19).

Figura 18: Marcas históricas do latifúndio pecuarista, 1960.



Fonte: Pebayle (1974).

Figura 19 – Marcas históricas do latifúndio pecuarista no assentamento, 2014



Fonte: NEAG/UFRGS (2014).

Mas a Campanha Gaúcha se revela e mostra que nas antigas áreas de pecuária extensiva atualmente se desenvolve a fruticultura e a produção de mel. São novos usos do espaço nos assentamentos que vão configurando uma nova paisagem (figuras 20 e 21).

Figura 20: Produção de mel em assentamento da Campanha Gaúcha, 2013.



Fonte: NEAG/UFRGS (2013).

Figura 21: Pomar de frutas em assentamento da Campanha Gaúcha, 2013.



Fonte: NEAG/UFRGS (2013).

Os assentamentos trouxeram novos elementos para compor a paisagem da Campanha Gaúcha, mas a paisagem tradicional ainda existe, resiste e faz parte de sua beleza cênica, com seus campos extensos pontilhados pelo gado bovino que se desloca lentamente, na mesma direção, parecendo não querer abandonar aquele cenário (figura 22). Neste mesmo cenário, símbolos são acrescentados demarcando um novo território, o território dos assentamentos (figura 23). E pouco a pouco, neste território serão produzidos novos símbolos, novas significações, novas identidades. Esses significados, essas estratégias se constituirão em um conjunto de ações que também marcarão a paisagem dos assentamentos.

Figura 22: Paisagem tradicional da Campanha Gaúcha, 2014.



Fonte: NEAG/UFRGS (2014).

Figura 23: Bandeira do MST: símbolo que demarca o território do assentamento, 2014



Fonte: NEAG/UFRGS (2014).

Para Coelho (2009), as imagens possibilitam identificar as mudanças que constituem um somatório de informações, mas que também destacam o que é dominante e será exatamente este traço dominante que fará a “assinatura” da paisagem permitindo que se reconheça a sua especificidade, a sua identidade.

Aos agricultores assentados foi lançado o desafio de reconstruírem sua identidade num novo cenário onde com suas inovações, suas mudanças produzirão novas marcas na paisagem tradicional da campanha demarcando seu novo território.

A partir das imagens de Pebayle (1960) foi possível identificar o que ficou, o que mudou, o que se enraizou e o que inovou na Campanha Gaúcha.

Considerações Finais

A paisagem é um elemento importante na identidade territorial. É a manifestação presente de um processo histórico pelo qual passou a natureza na sua interação com a sociedade. É a sucessão de diferentes formas de utilização de um território que reflete saberes, tecnologias, mudanças, resistências, valores, tradição e cultura.

A compreensão da paisagem é fundamental para se identificar as potencialidades de um território. Este entendimento da paisagem, no entanto não foi pensado antes da instalação dos assentamentos na Região da Campanha, pois os assentados foram compreendendo essa paisagem na medida em que construía sua identidade com este novo lugar que viria se constituir como seu território. Essa compreensão se fez através de seu olhar para o novo, olhar este carregado de elementos, de saberes, de valores trazidos consigo de seu antigo território. Por essa razão, é que para se territorializar o assentado implantou na realidade da campanha a sua cultura ligada à agricultura sobretudo para a produção de alimentos. Essa prática evoluiu, incorporou novas tecnologias, novos conhecimentos, novas técnicas tanto que este assentado agora se tornou um agricultor que desenvolve suas atividades através de práticas produtivas ecológicas. Evidencia-se assim que na Campanha Gaúcha coexistem territórios distintos que vão desenhando paisagens que refletem saberes, culturas, tradições e valores.

Referências

BERQUE Augustin (Org). **Cinq propositions pour une théorie du paysage**. Seyssel:ChampVallon,1994.

BONNEMAISON, Joël. **La Géographie Culturelle**. Paris: Éditions du C.T.H.S., 2000.

CHELOTTI, Marcelo Cervo. **A instalação de assentamentos rurais e a inserção de novos agentes no espaço agrário do município de Sant'Ana do Livramento – RS**. 2003, 215f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2003.

CHELOTTI, Marcelo Cervo; PESSOA, Vera Lucia Salazar. Assentamentos rurais e as transformações territoriais no Pampa Gaúcho/RS/BR. In: **6ª Bienal Coloquio de Transformaciones Territoriales**, 2006, Santa Fé/AR. 6ª Bienal. Santa Fé/AR: UNL, 2006. Disponível em: <<http://www.lagea.ig.ufu.br/biblioteca/artigos/santafe2006.pdf>>. Acesso em: ago. 2007.

CHOMENKO, Luiza. **Implantação de monoculturas**: O desenvolvimento na metade sul do Rio Grande do Sul, Brasil. Ecoagencia, 2006.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis. Ed. da UFSC, 1999.

COELHO, Leticia Castilhos. A paisagem na Fotografia, os rastros da memória nas imagens. In: **GPIT: Grupo de Pesquisa Identidade e Território**. 2009. Disponível em:<<http://www.ufrgs.br/gpit/wp-content/uploads/2011/03/castilhos-leticia-a-paisagem-na-fotografia.pdf>>. Acesso em: mar. 2014.

DI MÉO, Guy. **Géographie sociale et territoires**. Paris: Natha, 1998.

GAMACHE, Nicolas; DOMON, Gérald; JEAN Yves. Pour une compréhension des espaces ruraux: représentations du paysage de territoires français et québécois. In: **Cahiers d'économie et sociologie rurales**, nº 73, 2004, p. 71-102. Disponível em: <<http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/202429/2/73-71-102.pdf>>. Acesso em: maio 2014.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e Identidade**. Niterói: Editoria da UFF, 1997.

_____. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. **Além do latifúndio**: geografia do interesse econômico gaúcho. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2000.

INCRA - INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Projetos de Reforma Agrária Conforme Fases de Implementação**. 2014. Disponível em:<http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/reforma-agraria/questao-agraria/reforma-agraria/relacao_de_projetos_de_reforma_agraria.pdf>. Acesso em: nov. 2014.

INCRA - INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Incra nos Estados** - Informações gerais sobre os assentamentos da Reforma Agrária. <http://painel.incra.gov.br/sistemas/index.php>. Acesso em: jul. 2017.

LINDNER, Michele; MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. **A luta pela terra e a recriação dos espaços de vida de assentados na Campanha Gaúcha**. In: Confins [Online], 19 | 2013. Disponível em:<<http://confins.revues.org/8592>>. Acesso em: nov. 2015.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; SOSA JUNIOR, Denir de Oliveira. El proceso de territorialización de los productores assentados em la campaña gaúcha. In: YangaVillagomez. (Org.). **CEISAL**. Bruxelas: 2009, v. 1.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, espaço de identidade. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. (Org.). **Territórios e Territorialidades** – teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009, v. 1, p. 217-227.

NETO, Helena Brum; BEZZI, Meri Lurdes. Região, identidade cultural e regionalismo: a Campanha Gaúcha frente às novas dinâmicas espaciais e seus reflexos na relação campo-cidade. In: **Revista Temas & Matizes**. nº 16 – segundo semestre de 2009. p. 65-96. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/3943>>. Acesso em: nov. 2015.

PÉBAYLE, Raymond. **Eleveurset agriculteurs du Rio Grande do Sul (Brésil)**. Tese (Doutorado). Université de Paris I – Service de ReproductiodesThèses, Université de Lile III, 1974.

_____. Os difíceis encontros de duas sociedades rurais. In: **Boletim Geográfico do RS**, Porto Alegre, n.18, p.35-45, jan-dez 1975.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul (1820 – 1821)**. São Paulo: Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1974.

SAQUET, Marco Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: Técnica e Tempo; Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Armando Corrêa da. **Geografia e Lugar Social**. São Paulo, Ed. Contexto, 1991.

Sobre as autoras

Rosa Maria Vieira Medeiros – Graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1978). Mestrado em Sociologia Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1988). Doutorado em Geografia pela Université de Poitiers (1998) e Pós-doutorado no GREGUM - Université du Maine, França (2008). Professora Associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). **OrcID** – <https://orcid.org/0000-0001-7189-1902>.

Michele Lindner – Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (2004). Mestrado em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (2007). Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Rio Claro (2011), com período Sanduíche na Universidade de Lisboa (2010). Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2018). Professora Adjunta no Departamento de Geografia, Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **OrcID** – <https://orcid.org/0000-0002-1823-0811>.

Como citar este artigo

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; LINDNER, Michele. Os impactos gerados pela instalação de assentamentos rurais na Campanha Gaúcha, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista NERA**, v. 24, n. 60, p. 202-225, set.-dez., 2021.

Declaração de Contribuição Individual

As contribuições científicas presentes no artigo foram construídas em conjunto pelas autoras **Rosa Maria Vieira Medeiros** e **Michele Lindner**. Ambas desenvolveram as tarefas de aquisição de dados, interpretação, análise, desenvolvimento teórico-conceitual, preparação e redação do manuscrito.

Recebido para publicação em 20 de setembro de 2020.
Aceito para a publicação em 10 de julho de 2021.
